

## PREVALÊNCIA DE SOBREPESO E OBESIDADE EM CRIANÇAS DE 3-5 ANOS NA CIDADE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SP

*Silva KCO, Nunes LP, Oliveira LAM.*

Universidade do Vale do Paraíba, Av Shishima Hifumi, 2911 – Urbanova  
São José dos Campos – SP, Tel: (12) 3947- 1000, Fax: (12) 3947 1000  
kellychristine3@gmail.com, luana\_nunes@ymail.com, liv\_almeida\_@hotmail.com

**Resumo-** A prevalência mundial da obesidade infantil vem apresentando um rápido aumento nas últimas décadas, sendo caracterizada como uma verdadeira epidemia mundial. O presente estudo tem como objetivos determinar e comparar a prevalência de sobrepeso e obesidade de pré-escolares de 3 a 5 anos de duas redes de ensino de São José dos Campos, comparando os sexos e fazer avaliação do cardápio. O estudo foi realizado com 24 meninos e 22 meninas, onde foi feita a mensuração do peso corporal e estatura observando os percentis correspondentes. Através da observação da ingestão avaliou-se o cardápio utilizando como referências a DRI e a FAO/OMS, 2004 . Quando comparadas as redes de ensino, a escola privada apresentou o maior índice de sobrepeso (22,5%) e a escola pública o maior índice de obesidade (24,9%). No sexo feminino houve maior taxa de sobrepeso e obesidade (22,7% e 18,2% respectivamente) comparados ao sexo masculino (16,7% e 12,5%). Observou-se que, em relação à oferta de energia e nutrientes do cardápio, ambas as escolas não estão adequadas. Nutricionistas e educadores devem estar atentos para a crescente prevalência da obesidade infantil a fim de atuar na prevenção da mesma.

**Palavras-chave:** sobrepeso, obesidade, crianças

**Área do Conhecimento:** Ciências da Saúde

### Introdução

A obesidade é definida como um excesso de gordura corporal relacionado à massa magra e o sobrepeso como uma proporção relativa de peso maior que a desejável para a altura, cujo desenvolvimento sofre influência de fatores biológicos, psicológicos e sócio-econômicos (OLIVEIRA, 2003; DALCASTAGNÉ, RANUCC, NASCIMENTO, LIBERALI, 2008).

A prevalência mundial da obesidade infantil vem apresentando um rápido aumento nas últimas décadas, sendo caracterizada como uma verdadeira epidemia mundial. No Brasil a prevalência de obesidade em menores de 5 anos varia de 2,5% a 10,6% (OLIVEIRA, 2003; GORAN, 2000; SILVA, 2005) A alimentação é um dos fatores que contribui para o aparecimento de doenças crônico-degenerativas no ser humano, que são hoje a principal causa de mortalidade no adulto. Uma vez que é na infância que o hábito alimentar se forma, é necessário o entendimento dos seus fatores determinantes, para que seja possível propor processos educativos efetivos para a mudança do padrão alimentar da criança (RAMOS, 2000; ROTENBERG, 2004; MELLO, 2004).

As carências nutricionais, nesta fase da vida, levam ao crescimento deficiente, aumentam o risco de infecções, promovem alterações no processo de maturação do sistema nervoso e no

desenvolvimento mental e intelectual, provocando desequilíbrios morfológicos e funcionais, os quais, dependendo da intensidade e duração, podem ser irreversíveis, ou até mesmo resultar em mortalidade precoce (ABRANCHES, MATA, SALVADOR, MARINHO, 2009). Entre as deficiências nutricionais específicas na infância destacam-se a anemia ferropriva e a deficiência de vitamina A, as quais mantêm relação entre si. Estima-se que a deficiência de ferro nas crianças pré-escolares seja de 25% e cerca de 2,8 milhões de crianças no mundo são clinicamente afetadas pela hipovitaminose A. (RAMALHO, 2009). Os pré-escolares estão expostos à ampla variedade de alimentos altamente refinados, com teor limitado de micronutrientes e fibras, elevada densidade calórica e grande quantidade de sal, açúcar e gordura, principalmente, saturada e colesterol o que vem contribuindo para o aumento da prevalência de excesso de peso nesta faixa etária (ABRANCHES, MATA, SALVADOR, MARINHO, 2009).

O presente estudo tem como objetivos determinar e comparar a prevalência de sobrepeso e obesidade em pré-escolares de 3 a 5 anos de duas escolas de São José dos Campos, sendo uma da rede privada e outra da rede pública de ensino, comparando a prevalência entre os sexos e fazer avaliação do cardápio oferecido em ambas as escolas quanto a adequação de energia, fibra, macronutrientes e alguns micronutrientes.

## Metodologia

O estudo foi desenvolvido no município de São José dos Campos - SP, após sua aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade do Vale do Paraíba (H144). Foram selecionadas duas pré-escolas, sendo uma pública e outra privada, levando em consideração o interesse das mesmas em participarem da pesquisa. Previamente ao desenvolvimento do estudo, foi realizada a apresentação do plano de trabalho às diretoras das pré-escolas. A fim de preservar os aspectos éticos, os Diretores das escolas assinaram um termo de consentimento autorizando a participação da Instituição de ensino. Os pais ou responsáveis também assinaram um termo de consentimento autorizando a participação do filho.

O estudo foi realizado no ano letivo de 2011 com 46 alunos entre 3 a 5 anos de idade, sendo 22 alunos da rede privada (12 meninos e 10 meninas) e 24 alunos da rede pública (12 meninos e 12 meninas). Os alunos foram escolhidos de forma aleatória.

Trata-se de um estudo comparativo onde foi utilizado a antropometria para avaliação de prevalência de sobrepeso e obesidade entre as crianças.

Para fazer avaliação antropométrica dos alunos foi utilizada uma balança digital da marca Camry e uma fita métrica da marca Poly, para verificar peso e estatura respectivamente. Para verificação do peso, a criança permaneceu ereta, no centro da balança, descalço e com o mínimo de roupa possível. Para aferir a altura esticou-se a fita métrica em uma parede lisa e sem rodapé. Colou com uma fita adesiva a ponta inferior e superior da fita métrica. A altura foi aferida com a criança em posição ortostática, pés unidos, cabeça ereta, olhos na linha do horizonte, sem prendedores de cabelo, tiaras ou boné. Mediu-se o mais próximo de 0,1 cm.

Após a coleta de dados foi calculado o IMC (Índice de Massa Corpórea) para classificar o estado nutricional, observando os percentis correspondentes de acordo com idade e sexo (Tabela 1).

**Tabela 1 – Classificação Nutricional**

<b>Magreza</b>	≥percentil 3
<b>Eutrofia</b>	≥percentil 15 e <percentil 85
<b>Sobrepeso</b>	≥percentil 85 e <percentil 97
<b>Obesidade</b>	≥percentil 97

\*Organização Mundial da Saúde (OMS) para crianças de 2 a 5 anos.

Após essa etapa foi feita a avaliação do cardápio oferecido em ambas as escola de cinco dias consecutivos. Escolheu o lanche oferecido para avaliar por ser a única refeição oferecida em ambas as pré-escolas. O método usado para estimar a ingestão alimentar foi de observação direta dos alimentos consumidos e informações fornecidas pelos professores.

A avaliação da adequação nutricional da alimentação fornecida foi realizada de acordo com a DRI - Dietary Reference Intakes. Para avaliação da energia usou-se como referência a FAO/OMS (2004) de acordo com a faixa etária e o sexo. Para análise da composição química das refeições utilizou-se ajuda do software Avanutri Revolution 4.0.

Utilizou-se como referência o valor de 15% das recomendações de ingestão diária (RDA) para crianças na faixa etária em questão. Foram avaliados energia, fibras, os macronutrientes (carboidratos, proteínas e lipídios) e os micronutrientes que apresentam maior deficiência nesta faixa etária (Vitamina A, Vitamina C e Ferro). Para análise do Cálcio utilizou-se o valor de 15% da Ingestão Adequada (AI).

Após a avaliação dos cardápios foi feita uma Orientação Nutricional com os pais através da distribuição de panfletos com uma breve explicação da pirâmide alimentar para crianças.

## Resultados

Ao analisarmos a ocorrência de sobrepeso e obesidade em nosso estudo, foi constatada uma prevalência total de 19,5% de sobrepeso e 15,2% de obesidade no total da amostra avaliada.

Ao avaliar-se o estado nutricional das crianças da escola da rede privada observou-se que no sexo masculino, 83,3% foram considerados eutróficos e 16,7% foram classificados com sobrepeso. Não houve alunos com baixo peso e com obesidade. Para o sexo feminino, 10% foram classificadas com baixo peso, 50% foram classificadas eutróficas, 30% foram classificadas com sobrepeso e 10% com obesidade. Totalizando 40% acima do peso (Tabela 2).

**Tabela 2**

Distribuição das crianças de 3-5 anos da rede privada de ensino, 2011.

Estado Nutricional*	Sexo				Total	
	Masculino		Feminino		n	%
	n	%	n	%	n	%
Baixo peso	0	0,0	1	10,0	1	4,5
Eutrofia	10	83,3	5	50,0	15	68,2
Sobrepeso	2	16,7	3	30,0	5	22,5
Obesidade	0	0,0	1	10,0	1	4,5
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>100,0</b>	<b>10</b>	<b>100,0</b>	<b>22</b>	<b>100,0</b>

\* Classificação de acordo com o valor do percentil do Índice de Massa Corporal (IMC).

Quando se observa o estado nutricional das crianças da escola da rede pública, 8,3% dos meninos foram considerados com baixo peso, 50% eutróficos, 16,6% foram classificados com sobrepeso e 25% com obesidade. Para as meninas, 25% foram classificadas com baixo

peso, 33,3% foram classificadas eutróficas, 16,6% foram classificadas com sobrepeso e 25% com obesidade. Totalizando 41,6% acima do peso (Tabela 3).

**Tabela 3**

Distribuição das crianças de 3-5 anos da rede pública de ensino, 2011.

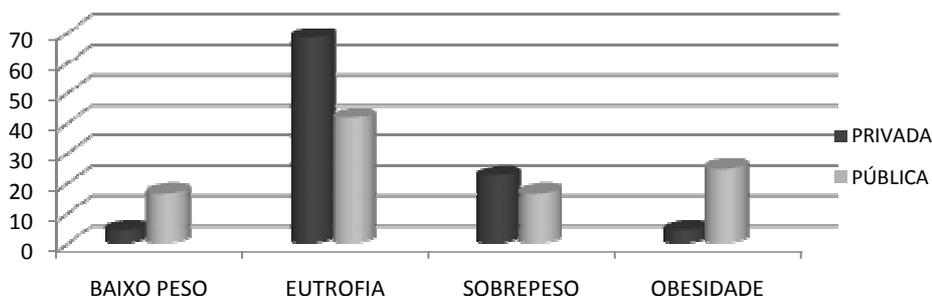
Estado Nutricional*	Sexo				Total	
	Masculino		Feminino		n	%
	n	%	n	%	n	%
Baixo peso	1	8,3	3	25,0	4	16,6
Eutrofia	6	50,0	4	33,3	10	41,6
Sobrepeso	2	16,6	2	16,6	4	16,6
Obesidade	3	25,0	3	25,0	6	24,9
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>100,0</b>	<b>12</b>	<b>100,0</b>	<b>22</b>	<b>100,0</b>

\* Classificação de acordo com o valor do percentil do Índice de Massa Corporal (IMC).

Quando comparadas as redes de ensino, a escola privada apresentou o maior índice de sobrepeso e a escola pública o maior índice de obesidade (Figura 1).

Quando se analisa somente o sobrepeso, os alunos da escola privada apresentaram 22,5% de ocorrência, seguidos pela escola da rede pública com 16,6%.

**Figura 1. Classificação do estado nutricional de acordo com as redes de ensino**

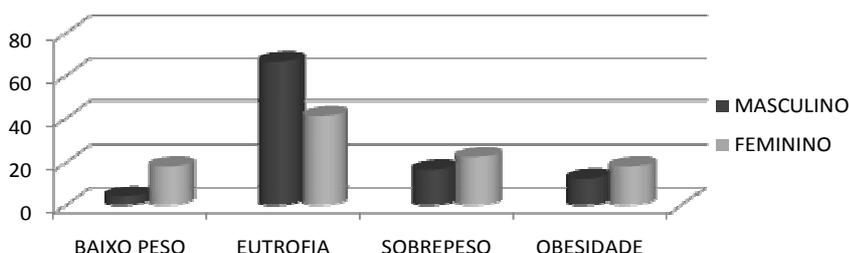


Para a ocorrência de obesidade, os maiores índices foram encontrados na escola pública, sendo que 24,9% das crianças apresentaram valores superiores ao percentil 95, enquanto que na escola privada esses valores foram de 4,5%.

Ao analisarmos a ocorrência de sobrepeso e obesidade em meninos e meninas, verificamos

que nos meninos os valores de sobrepeso e obesidade foram de 16,6% e 12,5%, respectivamente. No gênero feminino os valores de sobrepeso e obesidade foram superiores ao gênero masculino, sendo que 22,7% das meninas apresentaram sobrepeso e 18,2% obesidade (Figura 2).

**Figura 2. Classificação do estado nutricional de acordo com o sexo**



Nos cardápios oferecidos observou-se que na escola pública eram servidos refeições e lanches. Na escola privada eram servidos apenas lanches.

No presente estudo, observou-se que, em relação à disponibilidade média de energia do lanche (Tabela 4), tanto a pré-escola pública quanto a privada estão acima do recomendado para todas as faixas etárias.

Conforme demonstraram os resultados os macronutrientes em ambas as escolas estão

acima do recomendado. Em relação às fibras encontra-se um resultado inverso, pois o valor encontrado está abaixo do recomendado.

Quanto às disponibilidades médias oferecidas pelas duas creches para os micronutrientes (ferro, vitamina A e cálcio) não supriram 15% das RDAs. Destaca-se que a exceção encontrada foi para a vitamina C, para a qual a disponibilidade de consumo ultrapassou os 15% na pré-escola pública, já na particular o valor não foi atingido.

**Tabela 4 - Distribuição percentual dos valores recomendados para consumo alimentar e das quantidades disponibilizadas para consumo pelas pré-escolas Privada e Pública.**

Variável Alimentar	Un	DRI		15% DRI		Pré-escola Pública Disponibilidade Média	Pré-escola Privada Disponibilidade Média
		Faixa Etária (anos)		Faixa Etária (anos)			
		3	4-5	3	4-5		
Calorias* (Meninas)	kcal	76,5/kg	73,9/kg	192,8	210,6	231,8	225,7
Calorias* (Meninos)	kcal	79,7/kg	76,8/kg	203,2	213,1		
CHO	g	130	130	19,5	19,5	40,59	38,52
PTN	g	13	19	1,95	2,85	6,2	4,57
LPD	g	35	30	5,25	4,5	5,3	5,90
Ferro	mg	7	10	1,05	1,5	0,84	0,24
Cálcio	mg	500	800	75	120	72,19	55,42
Vit. A	µg	300	400	45	60	25,54	16,88
Vit. C	mg	15	25	2,25	3,75	126,26	24,44
Fibra	g	8	10	1,2	1,5	1,44	1,14

\*Quilocalorias por peso considerando uma criança eutrófica. Fonte: FAO/OMS, 2004.

**Discussão**

Os valores encontrados neste estudo quanto a prevalência de sobrepeso e obesidade diferem do

estudo de Ciconha et al. (2010) que encontrou um índice de sobrepeso maior na rede pública 30% e

17,64% na rede privada. Neste mesmo estudo a ocorrência de obesidade foi maior em escola privada 26,47% e menor na escola pública 20%.

Em estudo realizado por Abrantes et al. (2002), com crianças e adolescentes das regiões sudeste e nordeste do Brasil, foram encontrados resultados semelhantes a este estudo, sendo que a prevalência de obesidade foi maior no gênero feminino 8,9% quando comparado ao gênero masculino 8,7% .

Apesar dos números consideráveis de sobrepeso e obesidade, deve-se ficar atento para o grande número de crianças com desnutrição encontradas neste estudo.

Quanto a avaliação dos cardápios o consumo de proteínas ultrapassou o valor que é estabelecido pela DRI, nas duas pré-escolas, o que está em concordância ao observado por Abranches et al. (2009) ao encontrar que o conteúdo de proteína oferecido por uma creche pública e uma privada no município de Viçosa (MG) havia ultrapassado as necessidades estimadas para crianças. Em relação aos outros macronutrientes (Carboidrato e Lipídeo), ambos também se encontram acima do recomendado. Apesar da diferença não ser altamente significativa deve-se ficar atento, pois a dislipidemia tem aumentado entre as crianças (GUILIANO, CARAMELLI, 2008).

Estudos têm revelado baixo consumo energético, de ferro, cálcio e vitamina A, apesar da ingestão protéica adequada na idade pré-escolar (FERNANDES et al., 2005), o que pode culminar com a denominada “fome oculta”. Como exemplo desta condição, Gregório, Mello e Rodrigues (2007) avaliaram a ocorrência de anemia ferropriva em crianças obesas e verificaram a presença desta doença em 13% das crianças e estágios subclínicos, representados por hipocromia e microcitose, em 49% e 60% da amostra, respectivamente. Conforme sugerido pelos autores este quadro provavelmente originou-se da ingestão desbalanceada de nutrientes.

Segundo Martins (2002), além da disponibilidade calórico-proteica, deve-se voltar a atenção para o aporte de cálcio, ferro e vitaminas, principalmente a vitamina C. Este autor ainda ressalta que esta vitamina aumenta a biodisponibilidade do ferro da dieta, constituindo-se em fator importante, já que a anemia ferropriva é considerada carência nutricional endêmica e que inclui os pré-escolares como um dos grupos mais vulneráveis.

Ao analisar os micronutrientes encontrou-se que o cálcio não atingiu o valor adequado, apesar de na escola pública na faixa etária de 3 anos a diferença não ser significativa. A única fonte de cálcio disponível para o organismo humano é aquela proveniente da dieta, entretanto, vale

ênfaticamente que os lanches servidos na escola variam, portanto os dias em que foram servidas refeições semelhantes ao almoço, o valor do cálcio encontrado foi baixo, pois este tipo de refeição não é, comumente, fonte deste mineral.

Em pesquisa com pré-escolares, Oliveira, Silva e Mesquita (2006), também, observaram que dentre os micronutrientes analisados, o cálcio foi o que esteve em maior desacordo com as necessidades infantis, o qual atingiu apenas 20,5% e 9,6% do valor da AI (Ingestão Adequada) para as faixas etárias de 1 a 3 anos e de 4 a 8 anos, respectivamente. A maior preocupação quanto à deficiência de cálcio deve-se à exigência do mesmo para o processo de crescimento. Uma vez que o aporte deste mineral seja inadequado, respostas negativas podem incidir no desenvolvimento de crianças, principalmente no período do estirão de crescimento, que virá ocorrer posteriormente na adolescência. Assim, é importante garantir ingestão mínima de cálcio para o completo crescimento e maturação dos ossos (LERNER et al., 2000).

Quanto ao ferro, sabe-se que a deficiência orgânica do mesmo, compromete diversas funções celulares e pode implicar, no grupo infantil, em prejuízos no desenvolvimento cognitivo, crescimento e estado imunológico (PEREIRA NETTO et al., 2007).

Neste estudo, verificou-se que a disponibilidade média do ferro nas duas creches foi inferior ao valor recomendado. Isso é preocupante, pois vale salientar que o ferro total ofertado na alimentação pode não ser totalmente utilizado nas funções orgânicas, em virtude de diversos fatores interferentes. Sendo assim é importante se estimar o ferro biodisponível nas refeições.

Observou-se que, apesar de não ser significativa, a pré-escola pública ofereceu maiores valores de ferro que à privada, em todo o período analisado.

No presente trabalho, observou-se que a disponibilidade média de vitamina C esteve bem acima da recomendação na pré-escola pública devido ao suco de laranja com acerola oferecido no 3º dia. Como essa vitamina é hidrossolúvel o excesso é excretado na urina. Já na escola particular não foi atingida a recomendação diária.

Os valores de vitamina A apresentaram-se baixos, o que preocupa devido a maior vulnerabilidade dos pré-escolares à deficiência desta vitamina. Dentre as suas múltiplas funções, a vitamina A contribui para o desenvolvimento tecidual e, juntamente com o ferro, favorece a eritropoiese, dificultando o aparecimento da anemia, muito comum neste período (GERMANO; CANIATTI-BRAZACA, 2004).

O consumo de fibras foi positivo, pois a escola pública atingiu os níveis recomendados e a

privada não teve um nível alto de significância entre o recomendado e o ofertado. As fibras são importantes na alimentação das crianças, pois garante um bom funcionamento intestinal, além de auxiliar na prevenção e tratamento da obesidade, colaborar no controle dos níveis de colesterol sanguíneo e auxiliar na prevenção de doenças crônicas na vida adulta, como o diabetes mellitus e doenças cardiovasculares (RAMALHO, 2009).

Notou-se que os itens que compunham os cardápios das duas escolas eram diversificados.

Destaca-se que na presente pesquisa, o tamanho amostral foi limitado, impedindo que maiores inferências e generalizações sejam feitas a partir dos dados apresentados. Todavia, este trabalho é uma contribuição para o desenvolvimento de novos estudos.

## Conclusão

A prevalência de sobrepeso e obesidade foi de média a baixa no grupo de pré-escolares estudados. Houve prevalência de sobrepeso e obesidade indiferente da rede de ensino e do sexo. Por isso foi muito importante a Orientação Nutricional sobre alimentação saudável na infância dada aos pais visto que eles influenciam diretamente os hábitos alimentares das crianças.

A não adequação da disponibilidade energética encontrada em ambas as escolas assim como a de vitaminas e minerais sugere a necessidade de observância sistemática quanto à alimentação que é oferecida nas unidades escolares avaliadas.

Estudos complementares para a identificação do perfil de consumo alimentar contemplando todas as demais refeições oferecidas aos pré-escolares em seus domicílios tornam-se necessários. Reforça-se a importância do acompanhamento da elaboração do cardápio, do preparo e da distribuição dos alimentos por profissional qualificado, visando garantir a adequação da alimentação oferecida em termos qualitativos e quantitativos.

Nutricionistas, pais, educadores e pediatras devem estar atentos para a crescente prevalência da obesidade infantil, a fim de atuar na prevenção, diagnóstico e tratamento da mesma.

## Referências

- ABRANCHES, M. V.; PAULA, H. A. A.; MATA, G. M. S. C.; SALVADOR, B. C.; MARINHO, M. S.; PRIORE, S. E. Avaliação da adequação alimentar de creches pública e privada no contexto do programa nacional de alimentação escolar. **Rev. Soc. Bras. Alim. Nutr.**, São Paulo, SP, v. 34, n. 2, p. 43-57, Ago. 2009.

- DALCASTAGNÈ, Giovanni; RANUCCI, José Marcos; NASCIMENTO, Marcus Aurélio; LIBERALI, Rafaela. A influência dos pais no estilo de vida dos filhos

e sua relação com a obesidade infantil. **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento.** São Paulo, v.2, n.7. 2008.

- FERNANDES, T. F. S.; DINIZ, A. S.; CABRAL, P. C.; OLIVEIRA, R. S.; LÓLA, M. M. F.; SILVA, S. M. M.; KOLSTEREN, P. Hipovitaminose A em pré-escolares de creches públicas do Recife: indicadores bioquímicos e dietéticos. **Rev. Nutr.**, Campinas, v. 18, n. 4, p. 471-480, 2005.

- GERMANO, R. M. A.; CANIATTI-BRAZACA, S. G. Vitamina A – importância na nutrição humana. **J. Braz. Rev. Soc. Bras. Alim. Nutr.**, São Paulo, v. 27, p. 55-68, 2004.

- GIULIANO, I.C.B; CARMELI, B. Dislipidemias na infância e na adolescência. **Rev. Pediatría**, São Paulo, SP, v. 29, n. 4, p. 275-285, 2008.

- GORAN, M.I.; REYNOLDS, K.D.; LINDQUIST, C.H. Role of physical activity in the prevention of obesity in children. **International Journal of Obesity**, Suppl 3, S18-S33. 2000.

- GREGÓRIO, B. M.; MELLO, V. S.; RODRIGUES, L. Anemia ferropriva: é comum na obesidade infantil? **Nutrição Brasil**, v. 6, n. 3, p. 128-133, 2007.

- LERNER, B. R.; LEI, D. L. M.; CHAVES, S. P.; FREIRE, R. D. O cálcio consumido por adolescentes de escolas públicas de Osasco, São Paulo. **Rev. Nutr.**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 57-63, 2000.

- MARTINS, B. T. Qualidade no Programa Nacional de Alimentação Escolar. In: NOBRE, S. (Org.) Merenda II: gestão qualidade e nutrição. Belo Horizonte: **Secretaria do Estado da Educação de Minas**, 2002. p. 65-88.

- MELLO, E.D.; LUFT, C.V.; MELLO, F. Atendimento ambulatorial individualizado versus programa de educação em grupo: qual oferece mais mudanças de hábitos alimentares e de atividade física em crianças obesas? **Jornal de Pediatría**, Rio de Janeiro, v.80, n.6. 2004.

- OLIVEIRA, Ana Mayra A. de et al . Sobrepeso e obesidade infantil: influência de fatores biológicos e ambientais em Feira de Santana, BA. **Arq Bras Endocrinol Metab**, São Paulo, v. 47, n.2, 2003.

- OLIVEIRA, M. C. F.; SILVA, P. L.; MESQUITA, M. A. Analisando o padrão alimentar e o estado nutricional de pré-escolares matriculados na creche do município de Descoberto MG. **Nutrição Brasil**, v. 5, n. 3, p.150-159, 2006.

- PEREIRA NETTO, M.; REZENDE, F. A. C.; ROSADO, G. P.; FOSADO, L. E. F. P. L.; FRANCESCHINI, S. C. C. Importância do ferro na infância. **Nutrição Brasil**, v. VI, n. 2, p. 111-116, 2007.

- RAMALHO; A. Alimentos e sua ação terapêutica. 1ª edição. São Paulo: Ed. Atheneu, 2009.

- ROTENBERG, Sheila; DE VARGAS, Sonia. Práticas alimentares e o cuidado da saúde: da alimentação da criança à alimentação da família. **Rev. Bras. Saude Mater. Infant.**, Recife, v. 4, n. 1, Mar. 2004 .